

# ANÁFORA PRONOMINAL

Ana Müller\*

## Introdução

**O** objetivo deste trabalho é apresentar ao leitor o tratamento dos pronomes e da anáfora pronominal sentencial pela lingüística formal. O artigo se debruça sobre as seguintes questões: (i) o que são pronomes e (ii) como se dá sua interpretação.

O artigo trata de fundamentar as seguintes teses:

- (i) Um pronome pode estabelecer dois tipos de relações anafóricas com seu antecedente: relação de correferência ou relação de ligação.
- (ii) Um pronome é sempre uma variável – um termo cuja denotação não é lexicalmente fixa, mas varia segundo uma atribuição de valores que lhe é feita, seja por uma função contextual, seja por sua ligação a um operador.

Primeiramente, em “Pronomes são variáveis”, apresentaremos a tese de que pronomes devem ser sempre tratados como variáveis, ou seja, como itens cuja denotação não é previamente fixa no léxico. Em “Correferência versus liga-

\* Universidade de São Paulo.

ção de variáveis” discuto as noções de correferência e de ligação de variáveis enquanto tipos de relações anafóricas pronominais possíveis. A seguir, em “Condições estruturais sobre as relações anafóricas sentenciais”, mostramos que existem limites estruturais para que os diferentes tipos de relações anafóricas possam ser estabelecidas. Em “Conferência ou anáfora ligada?” ilustramos a existência dos dois tipos de relações anafóricas – correferência e ligação de variáveis – através de dois fenômenos conhecidos na literatura como identidade estrita e identidade fajuta. Finalmente, em “Pronomes E-type” apresentamos um tipo de relação anafórica pronominal estabelecida pelo pronome chamado pronome ‘E-type’. Esta relação não pode ser trivialmente descrita como correferência ou ligação e, coloca questões intrigantes para o funcionamento da anáfora. Finalmente, concluímos retomando a tese de que pronomes são sempre variáveis, mas não necessariamente variáveis simples. Por outro lado, uma vez que pronomes podem ser variáveis complexas, a maneira como as relações anafóricas são estabelecidas tornam-se mais sofisticadas.

## Pronomes são variáveis

Os itens em itálico nas sentenças (1)-(4) abaixo são tradicionalmente chamados pronomes. O que esses itens têm em comum? Todos os itens possuem a mesma distribuição sintática dos sintagmas nominais – daí pronomes – e todos esses itens não têm uma denotação que possa ser determinada por seu significado lexical.<sup>1</sup> Aliás é seu próprio significado lexical que nos diz que sua referência deve ser resolvida cada vez que um pronome aparece em um discurso. É claro que traços de gênero e número restringem o tipo de indivíduo que podemos atribuir enquanto interpretação de cada pronome.

(1) *Você* estou cansada.

(2) João brigou com Arnold Schwazenegger. *Ele se* machucou bastante.

(3) *Ele* é o cara que *eu* conheci na festa.

1 Estamos usando indiscriminadamente a expressão Sintagma Nominal (NP) para nos referirmos a expressões/locuções nominais que recentemente vêm sendo chamadas Sintagma de Determinante (DP) pela Teoria Gerativa.

- (4) Qualquer aluno gosta quando *seu* trabalho é julgado melhor que o trabalho dos outros.

O leitor que observou os exemplos e que conhece um pouco de Teoria Gerativa já terá percebido que estamos utilizando o termo *pronome* de acordo com uma tradição gramatical mais antiga e incluindo sob esse termo tanto o que a Teoria da Ligação (Chomsky, 1981) chama de *pronome* quanto o que essa mesma teoria chama de *anáfora*. Também quanto ao termo *anáfora*, vamos seguir esta tradição mais antiga e utilizá-lo para expressar relações de dependência referencial entre sintagmas nominais e não apenas para os pronomes do tipo reflexivo como faz a Teoria da Ligação.

Vou assumir com Heim e Kratzer (1998) que um pronome é semanticamente uma variável. Uma variável, em um sentido formal, é um termo cuja denotação não é fixa apenas por seu significado lexical, mas varia segundo uma atribuição de valores. Esta atribuição de um valor semântico – uma interpretação – a cada pronome é feita, seja por uma função que lhe atribui um valor a ser encontrado no contexto linguístico ou extralingüístico, seja por sua dependência ou covariação em relação a antecedentes. Neste sentido, como se pode ver, todos os pronomes são variáveis, pois sua interpretação é determinada, quer pelo contexto, quer por sua dependência em relação a antecedentes.

Em sentenças como (1), (2) e (3) os pronomes *eu* e *ele* (variáveis num sentido semântico) terão sua denotação determinada por algum valor que lhes será atribuído em função do contexto lingüístico ou extralingüístico. Já em sentenças como (2) e (4), a denotação do pronome reflexivo *se* e do pronome possessivo *seu* covaria com valor de seu antecedente, seja ele o nome próprio *João* ou *Arnold Schwazenegger* ou o sintagma quantificado *qualquer aluno*. Em (4), por exemplo, se Jorge é aluno, então Jorge gosta quando seu trabalho é julgado melhor que o dos outros. E se Maria é aluna, então Maria gosta quando seu trabalho é julgado melhor que o dos outros. E assim por diante. Ou seja, o referente do possessivo *seu* covaria com o referente determinado por *qualquer aluno*.

Dada nossa definição de pronome enquanto um sintagma nominal que é equivalente a uma variável lógica, outros objetos sintáticos além dos pronomes pessoais, reflexivos e possessivos exemplificados em (1)-(4), se encaixam sob essa definição. Um primeiro caso, seria o sujeito nulo em sentenças como (5), (6) e (7). Portanto, tanto o sujeito nulo das orações finitas, como o sujeito nulo das orações infinitivas e o objeto nulo relacionado a um tópico sentencial são

variáveis no sentido de que sua referência será determinada seja no contexto lingüístico ou extralingüístico, seja por uma ligação a algum tipo de operador.<sup>2</sup>

(5)  $\emptyset$  acho que  $\emptyset$  devemos  $\emptyset$  sair.

(6) A Maria, o Jorge acha que deve convidar  $\emptyset$ .

(7) Ninguém acredita que  $\emptyset$  merece menos que os outros.

Um outro caso são os sintagmas nominais nulos criados por constituintes deslocados de suas posições canônicas como em (8)-(10). Esses são os casos analisados como vestígios de movimento de constituintes pela Sintaxe Gerativa (*traces*, em inglês). Nesses casos, o valor do constituinte vazio depende do valor de sintagma que se moveu.

(8) *O que* a Maria comprou *t* no Shopping?

(9) O professor *que* todo aluno deseja *t* é exigente e amigável

(10) *Gatos* geralmente são perseguidos *t* por cachorros.<sup>3</sup>

Assim, pronomes não são entidades ambíguas e o que explica seus diferentes usos são, como veremos a seguir, maneiras distintas de resolução de como seu valor lhes é atribuído.

## Correferência versus ligação de variáveis

A distinção entre o uso dêitico e o uso anafórico dos pronomes é comum na literatura gramatical. Em seu uso dêitico, a referência de um pronome é de-

2 Uma terceira possibilidade seria considerarmos a própria flexão verbal como um pronome que preenche a posição argumental de sujeito. O pronome vazio nesse caso não existiria. Esta possibilidade não será discutida aqui porque, em termos do nível de generalidade de nossa exposição, ela se reduz aos outros casos. Ver Kato (1999) para uma proposta que explora a possibilidade levantada aqui.

3 Estamos usando *t* para simbolizar *vestígio* (*trace*). Eles devem ser entendidos como posições originárias de sintagmas deslocados.

terminada pelo contexto extralingüístico, como o pronome *ele* em (1) dita após um gesto em que se aponta para uma determinada pessoa. Em seu uso anafórico, a referência de um pronome é determinada pelo discurso anterior ou posterior, como é o caso do pronome *ele* em (2) e *dele* em (3).

(1) *Ele* é o cara que eu conheci na festa.

(2) João brigou com *Arnold Schwazenegger*. *Ele* se machucou bastante.

(3) Ninguém parecia gostar *dele*. No entanto, *João* insistia em comparecer a todas as festas.

Entretanto, os trabalhos em Teoria Gramatical têm geralmente assumido que os usos dêitico e anafóricos podem ser considerados um mesmo fenômeno no qual a referência do pronome é determinada pelo contexto, seja este lingüístico ou extralingüístico. Em ambos os casos, o pronome se refere a um indivíduo que, por alguma razão, está altamente saliente no momento em que sua referência é resolvida. Os usos dêitico e anafórico de um pronome então são casos especiais do mesmo fenômeno.

Como dissemos, pronomes são variáveis, ou seja, termos cuja denotação depende dos valores que lhes são atribuídos. Tecnicamente um termo é uma variável se existem atribuições de valores a esse termo que implicam em denotações diferentes. Imagine, por exemplo, que o pronome *ele* na sentença (1) acima denote o indivíduo Jorge em uma ocasião e o indivíduo Carlos em outra. Temos então que a denotação de *ele* varia segundo o valor que lhe é atribuído, o que está expresso pela notação em (4).<sup>4</sup>

(4)  $[(ele)]^{Jorge} = Jorge$   
 $[(ele)]^{Carlos} = Carlos$   
 $[(ele)]^{Jorge} \neq [(ele)]^{Carlos}$

Nem todos os pronomes tem sua interpretação determinada por uma referência a um indivíduo saliente no contexto lingüístico ou extralingüístico. Muitas vezes um pronome não refere a qualquer entidade. Esse é o caso de pronomes com antecedentes quantificados, pronomes relativos ou interrogativos (sintagmas-QU) como em (5) ou (6).

4 A notação  $[(ele)]^a$  significa “a denotação de *ele* quando lhe é atribuído o valor *a*”.

O sintagma *ninguém* em (6) é um dos exemplos mais claros de um sintagma não-referencial, pois não existe qualquer entidade a qual este sintagma possa se referir. Em (7), o pronome retoma o sintagma nominal *cada aluno*, o qual, ao invés de referir diretamente a uma ou mais entidades, realiza uma operação sobre o conjunto de todos os alunos de um determinado contexto, pinçando cada um deles. Já em (8) o valor dos pronomes nulos ( $t_2$  e  $\emptyset_2$ ) covaria com a denotação de *quem*. Pronomes que retomam sintagmas quantificados ou sintagmas-QU são melhor analisados enquanto variáveis presas, cujo valor é determinado por cada valor atribuído ao antecedente. Desse modo (5) teria a paráfrase em (6).

(5) *Ninguém* gosta quando o *seu* trabalho é julgado pior que o dos outros

(6) *João* não gosta quando *seu* trabalho é julgado pior que os dos outros e *Maria* não gosta quando *seu* trabalho é julgado pior que o dos outros e *Carlos* não gosta... e *Joana* não gosta... e...

(7) *Cada aluno* recebeu *sua* nota no último dia de aula.

(8)  $\text{Maria}_1$  quer saber quem $_2$   $t_2$  quer  $\emptyset_2$  ir ao cinema com ela $_1$ .

Mas o que é uma ligação de variáveis? Podemos entender esse processo como uma operação semântica que remove (ou diminui) a dependência que uma variável tem em relação a uma atribuição de valor (Heim; Kratzer, 1998, p. 116). “Ao combinarmos uma expressão cuja denotação varia em relação a atribuições com um ou mais ‘binders’;<sup>5</sup> podemos criar uma expressão maior cuja denotação é invariante em relação a qualquer atribuição” (Heim; Kratzer, 1998, p. 116).

Observe a sentença (9) ou sua forma lógica (10). A princípio, *ele* e *seu* são *livres* para assumir qualquer valor (desde que masculino singular). Mas se colocarmos, por exemplo, um tópico como em (11), os valores de *ele* e *seu* tornam-se *ligados* aos valores desse tópico. A sentença passa a significar algo como a paráfrase em (12), onde a covariação entre o valor do antecedente e dos pronomes é bastante explícita.

(9)  $\text{Ele}_1$  gosta de  $\text{seu}_1$  trabalho.

5 “Binders” = “ligadores”, ou seja, operadores capazes de ligar o pronome, isto é, fazer com que a denotação deste dependa da denotação do operador.

(10) x gosta do trabalho de x.

(11) Um bom profissional<sub>1</sub>, *ele*<sub>1</sub> gosta de *seu*<sub>1</sub> trabalho.

(12) Se alguém<sub>1</sub> é artista, *ele*<sub>1</sub> gosta de *seu*<sub>1</sub> trabalho.

Da mesma forma pensemos na expressão (13) ou sua equivalente forma lógica (14). Quando acrescentamos o pronome relativo *quem* em (15), a denotação de  $t_1$  deixa de ser livre para depender da denotação de *quem*. Regras de movimento de sintagmas-QU e de sintagmas quantificados como usadas pela Sintaxe Gerativa são maneiras de se descrever a estrutura sintática de ligação de variáveis.

(13) Jorge ama  $t_1$ .

(14) Jorge ama x.

(15) *quem*<sub>1</sub> Jorge ama  $t_1$ .

Temos então (pelo menos) dois tipos de relações anafóricas: correferência e ligação de variáveis. Como assumimos que todos os pronomes são variáveis, o fato de estes receberem uma interpretação (co)referencial ou de variável presa, irá depender de como seu valor é determinado em cada caso. Um pronome referencial tem sua interpretação determinada por uma função que atribui um indivíduo enquanto valor de uma variável. Nesse caso, o valor atribuído é o valor de alguma expressão lingüística saliente no contexto como em (16). Já a interpretação de variável ligada significa que o valor do pronome é determinado pelo seu antecedente e independe de qualquer função (con)textual como em (17).

(16) *Jorge* entrou. *Ele* sentou.

(17) *Nenhum passageiro* se machucou no acidente.

## Condições estruturais sobre as relações anafóricas sentenciais

Existem limites estruturais para a possibilidade de estabelecimento de relações anafóricas. Esses limites têm sido bastante estudados pela Gramática Gerativa e estão sistematizados na chamada Teoria da Ligação (Chomsky, 1981; 1986). Os princípios da Teoria da Ligação determinam, em função da configuração sintática, quais entre as diferentes combinações possíveis de índices atribuídos a sintagmas nominais geram sentenças gramaticais. Os casos paradigmáticos estão ilustrados pelas sentenças (1), (2) e (3). Existe, por exemplo, uma notável *distribuição complementar* entre as ocorrências de *pronomes pessoais* e *pronomes reflexivos*: nos contextos em que a ocorrência do primeiro é permitida, a do segundo é proibida, e vice-versa.

- (1) a. Zelda<sub>i</sub> se<sub>i</sub> adora.  
 b. \*Zelda<sub>i</sub> adora ela<sub>i</sub><sup>6</sup>
- (2) a. \*Zelda<sub>i</sub> se<sub>j</sub> adora.  
 b. Zelda<sub>i</sub> adora ela<sub>j</sub>
- (3) a. \*Zelda<sub>i</sub> acha que Carlos se<sub>i</sub> adora.  
 b. Zelda<sub>i</sub> acha que Carlos adora ela<sub>i</sub>.

Informalmente poderíamos simplificar dizendo que um pronome reflexivo tem que ter obrigatoriamente um antecedente na mesma oração e um pronome pessoal só pode ter antecedentes fora da oração a que pertence. Mais ainda, o antecedente de um pronome reflexivo deve ocupar uma posição hierarquicamente superior na sentença, usualmente a de sujeito.

Da mesma forma, relações estruturais determinam a possibilidade ou não de um pronome estabelecer uma relação de ligação com seu antecedente. Relações de correferência, por outro lado, são determinadas no contexto (Reinhardt, 1976; 1983; Heim; Kratzer, 1998). A possibilidade de se estabelecer uma relação de ligação entre um sintagma quantificado e um pronome depende basicamente de que o sintagma quantificado c-comande o pronome. C-comando é uma relação de superioridade estrutural. Um sujeito, por exemplo, c-comanda

6 O símbolo \* está sendo usado como tradicionalmente na Gramática Gerativa para indicar a agramaticalidade de uma sentença. A gramaticalidade/agramaticalidade desses exemplos é decidida, crucialmente pela correferência/não-correferência indicada pelos índices.

todos os sintagmas nominais da sua oração. E como a relação de c-comando é uma relação intersentencial, um sintagma quantificado não pode ter escopo para além de sua sentença.

Os exemplos (4) e (5) mostram a necessidade de c-comando para a existência de ligação entre o antecedente e o pronome. Já os exemplos (6) e (7) mostram a impossibilidade de ligação fora de uma mesma sentença.

(4) [Os problemas (que *ninguém* mostrou a *sua* mãe)] eram fáceis.

(5) \*[Os problemas (que *ninguém* conseguiu resolver sozinho)] mantiveram *sua* mente ocupada o dia inteiro.

(6) \**Nenhum menino* foi convidado. *Ele* reclamou.

(7) *Jorge* não foi convidado. *Ele* reclamou.

## Correferência ou anáfora ligada? O caso da identidade estrita versus identidade fajuta<sup>7</sup>

Como podemos perceber da discussão acima, existem contextos em que a relação entre um pronome e seu antecedente é necessariamente uma relação de correferência (1) e outros em que esta relação é necessariamente de ligação (2). Um antecedente quantificado implica, em princípio, em uma relação anafórica que se traduz como uma ligação entre o pronome e o sintagma quantificado, pois um sintagma quantificado não é referencial. Já o uso dêitico implica necessariamente em correferência.

(1) *Jorge* entrou. *Ele* sentou no sofá.

(2) \**Cada convidado* entrou. *Ele* sentou no sofá.

(3) *Ninguém se* machucou no piquenique.

7 Em inglês: *strict vs. sloppy identity*.

Uma vez respeitadas as restrições estruturais, tanto uma relação de correferência, quanto uma relação de ligação deveriam ser permitidas, fato este que está ilustrado em (4) e (5). Tratam-se de duas versões de uma mesma estrutura sentencial, a primeira com um sintagma referencial – *Maria* – na posição de sujeito, e a outra, com um sintagma quantificado – *todo aluno* – exatamente na mesma posição.

(4) *Maria* acha que o professor gosta *dela*.

(5) *Todo aluno* acha que o professor gosta *dele*.

(6) Todo aluno: x (x acha que o professor gosta de x).

A forma lógica de (4) seria idêntica à própria sentença, pois expressa que *ela* irá buscar seu índice no contexto e sua interpretação deverá selecionar o indivíduo ao qual foi atribuído o índice 1. Já a forma lógica de (5) está expressa em (6) e representa o fato de que tanto a posição de sujeito quanto à posição ocupada pelo pronome são determinadas pela maneira como o sintagma quantificado escolhe seus valores.

Dado que (4) e (5) têm a mesma estrutura sintática cabe-nos perguntar se uma forma lógica semelhante à (7) seria possível enquanto descrição da estrutura do significado de (4). Ou seja, queremos saber se (4) é ambígua entre uma relação de correferência e uma relação de ligação entre o pronome e o nome próprio *Maria* como expresso pela forma lógica em (7). Para perceber que essa ambigüidade realmente existe, vamos examinar sentenças elípticas como (8). Esta sentença é ambígua entre as interpretações de identidade estrita como a paráfrase em (9) e de identidade fajuta (10), cuja forma lógica está expressa em (11).

(7) *Maria*:x (x acha que o professor gosta de x).

(8) *Maria* acha que o professor gosta *dela* e *Fernanda* também.

(9) *Maria*<sub>1</sub> acha que o professor gosta *dela*<sub>1</sub> e *Fernanda* acha que o professor gosta de *Maria*<sub>1</sub> também.

(10) Maria<sub>1</sub> acha que o professor gosta dela<sub>1</sub> e Fernanda<sub>2</sub> acha que o professor gosta dela<sub>2</sub> também.

(11) Maria:x (x acha que o professor gosta de x) e Fernanda:x (x acha que o professor gosta de x).

Os casos de identidade estrita versus identidade fajuta ilustram o fato de que, dadas certas condições estruturais, um pronome pode estabelecer tanto uma relação de correferência, quanto uma relação de variável ligada com seu antecedente.

## Pronomes “E-type”

Até aqui nós apontamos para dois tipos de relações anafóricas que podem se estabelecer entre um pronome e seu antecedente: uma relação de correferência e uma relação de variável ligada. Pronomes foram analisados como variáveis que podem ter seu valor determinado por dois processos distintos: através de uma entidade saliente no contexto ou através de ligação a um operador.

Nessa análise pronomes anaforicamente relacionados a sintagma quantificados geralmente estabelecem uma relação de variável ligada. Como vimos, a possibilidade de se estabelecer uma ligação semântica entre um sintagma quantificado e um pronome depende basicamente de que o sintagma quantificado c-comande o pronome. Isto explica, por exemplo, a gramaticalidade de (1), onde *ninguém* é o sujeito da subordinada e c-comanda *seu*, comparada à agramaticalidade de (2), onde *nenhum aluno* é o sujeito da oração relativa que faz parte do sintagma [todo problema que nenhum aluno teve] e não c-comanda *ele*.

(1) Os problemas que *ninguém* mostrou a *sua* mãe eram fáceis.

(2) \*Os problemas que *nenhum aluno* conseguiu resolver sozinho mantiveram *sua mente* ocupada o dia inteiro.

E como a relação de c-comando é uma relação intersentencial, um sintagma quantificado não pode geralmente ter escopo para além de sua sentença (3), o mesmo ocorrendo em estruturas coordenadas (4). Para ver que uma

relação de correferência é possível nesse mesmo contexto, compare (3) a (5) e (4) a (6).

(3) \**Nenhum menino* foi convidado. *Ele* reclamou.

(4) \**Nenhum menino* foi convidado e *ele* reclamou.

(5) *Jorge* foi convidado. *Ele* não reclamou.

(6) *Jorge* foi convidado e *ele* reclamou.

No entanto, observemos o exemplo (7) que é uma variante do exemplo levantado por Evans (1980). Como *apenas um congressista* não é um sintagma referencial, a relação anafórica entre *apenas um congressista* e *ele* não deveria ser possível e a sentença (7) deveria se comportar da mesma forma que a sentença (3). No entanto, esta relação anafórica é possível. Como explicar este fato?

(7) *Apenas um congressista* admira Kennedy. *Ele* é muito jovem.

Se optamos por tratar *apenas um congressista* como um sintagma referencial caímos nos paradoxos causados por essa identificação, pois esse sintagma (e os demais sintagmas quantificados) se comporta de maneira diferente de um nome próprio ou de um sintagma referencial. Observemos, por exemplo, que a inferência válida expressa em (8) se torna inválida quando substituímos o nome próprio pelo sintagma quantificado em (9). A mesma diferença de comportamento acontece quando associamos predicados contraditórios a um nome próprio (10) e a um sintagma quantificado (11). Em (10) temos uma contradição, já a sentença (11) não é contraditória.

(8) João veio ontem de manhã => João veio ontem.

(9) Apenas um congressista veio ontem de manhã => Apenas um congressista veio ontem.

(10) #João está nesta sala e João está na sala ao lado.

(11) Apenas um congressista está nesta sala e apenas um congressista está na sala ao lado.

Poderíamos então tentar analisar a relação anafórica em (7) como uma relação de ligação de variáveis, sob a hipótese de que alguns quantificadores podem ter escopo para além de sua sentença. Teríamos então uma forma lógica como (12). Essa forma lógica, entretanto, nos dá uma interpretação errônea de (7), pois afirma que apenas um congressista, ao mesmo tempo, admira Kennedy

e é jovem, o que seria verdadeiro em uma situação em que dois congressistas admiram Kennedy, mas apenas um deles é jovem. Nessa situação, entretanto, a sentença (7) é falsa e não verdadeira.

(12) Apenas um congressista (x admira Kennedy e x é muito jovem)

A proposta de Evans é que temos aqui um terceiro tipo de pronome que se refere a “o congressista que admira Kennedy”. Essa resposta parece ser intuitivamente correta, pois, com o pronome analisado dessa forma temos que (7) significa (12), o que parece apropriado. Um pronome “E-type”, então, é equivalente a uma descrição definida (um sintagma nominal definido) criada a partir da sentença anterior.

(13) Apenas um congressista admira Kennedy. *O congressista que admira Kennedy é muito jovem.*

A conclusão surpreendente é a de que, “de certa forma, sintagmas quantificados podem servir de “antecedentes” para pronomes referenciais” (Heim e Kratzer, 1998). O que explicaria a impossibilidade de uma leitura referencial em sentenças como (3) e (4), por exemplo, seria o fato de que a sentença *nenhum menino foi convidado* não tornar nenhum referente que possa ser retomado por uma descrição definida equivalente ao pronome saliente. Comparemos (13) a (14), na qual um contexto que torna possível a construção de uma descrição definida para o pronome é fornecido.

(14) \**Nenhum menino* foi convidado. *Ele* reclamou.

(15) *Nenhum menino que repetiu de ano* foi convidado para a festa da Maria. *Eles* (os meninos que repetiram de ano) reclamaram.

Colocamos então a questão de ser ou não possível manter a análise de que pronomes são sempre variáveis e reduzir o pronome “E-type” a uma relação de correferência ou de ligação a seu antecedente.

Talvez fosse possível analisarmos o pronome “E-type”, não como um terceiro tipo de pronome, mas como um pronome referencial, que tem seu valor atribuído a partir de um referente saliente no contexto, porque “um ouvinte que acabe de processar a primeira sentença de (7), estará naturalmente pensando nessa pessoa” (Heim e Kratzer, 1998, p. 282).

No entanto, a questão da denotação de pronomes anaforicamente ligados a quantificadores pode ainda se tornar mais complicada. Comparemos a sentença (16) à sentença (17) na interpretação indicada pelos índices. Em (16) temos a denotação (o valor) de *um congressista* covariando com a denotação de *todo presidente do Brasil*, pois, pelo menos em uma de suas leituras, (17) faz corresponder um congressista diferente para cada presidente. Qual seria então a descrição definida passível de ser construída a partir da primeira sentença em

(17)? *O congressista que admirava cada presidente?* Não, pois o que queremos é uma descrição definida diferente para cada presidente: *o congressista que admirava Tancredo, o congressista que admirava Figueiredo, o congressista que admirava Getúlio,...*

(16) *Apenas um congressista* admira Kennedy e *ele* é muito jovem.

(17) *Todo presidente do Brasil*<sub>1</sub> acha que apenas *um congressista*<sub>2</sub> *o*<sub>1</sub> admira e *ele*<sub>2</sub> é muito jovem.

O que parecemos estar buscando enquanto denotação do pronome *ele*<sub>2</sub> em (68) é uma descrição definida que varie em função de “cada presidente do Brasil”. Portanto, a descrição definida que o pronome *ele*<sub>2</sub> retoma é algum tipo de função, construída a partir da primeira sentença, cujo valor varia com o valor de um sintagma nominal quantificado que não é diretamente seu antecedente. Ou seja, o valor de *ele*<sub>2</sub> varia com o valor de *apenas um congressista* que, por sua vez, varia com o valor de *todo presidente*. Temos aqui um tipo de pronome que não pode ser descrito trivialmente nem como referencial (pelo menos no sentido de denotar diretamente uma entidade), nem como variável ligada.

Uma paráfrase para (18) seria (19). Ou seja, temos, da mesma forma que no exemplo mais simples (16), uma descrição definida construída a partir da primeira sentença. Essa descrição, entretanto, não tem um valor constante, pois sua denotação varia em função do sintagma quantificado ao qual o pronome dentro da descrição definida está anaforicamente ligado.

(18) *Todo presidente do Brasil*<sub>1</sub> acha que apenas *um congressista*<sub>2</sub> *o*<sub>1</sub> admira e *ele* é muito jovem.

(19) *Todo presidente do Brasil*<sub>1</sub> acha que apenas [um congressista]<sub>2</sub> *o*<sub>1</sub> admira. [O congressista que *o*<sub>1</sub> admira] é muito jovem.

Uma proposta que dá conta de um pronome “E-type” como *ele* em (18) foi elaborada por Cooper (1979) e é retomada por Heim e Kratzer (1998). Cooper propõe que um pronome “E-type” é uma descrição definida que traz dentro de si um predicado (um substantivo) que é uma variável determinada pelo contexto. Este predicado em nosso exemplo, seria *congressista que o*<sub>1</sub> *admira*. O significado de *ele* em (18) seria então a descrição definida expressa em (19) e apresentada formalmente em (20), onde *R* é uma variável sobre predicados e *x* é uma variável sobre entidades. Em nosso exemplo, *R* = *congressista que admira x* e *x* está coindexado a *todo presidente*, como se pode ver em (21).

(20)  $\circ R(x1) = \circ \text{congressista-que-admira } x_1$

(21) *Todo presidente do Brasil: x [x acha que apenas um congressista admira x]. O R(x) é muito jovem.*

R: congressista-que-admira x.

x: variável ligada por *todo presidente do Brasil*.

Outros casos muito discutidos na literatura são os casos de “donkey anaphora” [(22) e (23)] e as “paycheck sentences” (24). Em ambos os casos, os pronomes da segunda oração ou sentença possuem antecedentes quantificados, mas não podem ser analisados como variáveis ligadas. Também não são trivialmente analisados enquanto pronomes referenciais.

(22) *Se um homem<sub>1</sub> tem um burrinho<sub>2</sub>, pro<sub>1</sub> bate nele<sub>2</sub>.*

(23) *Todo homem que tem um burrinho, bate nele.*

(24) *[Uma mulher que investe seu salário<sub>2</sub> em aluguéis]<sub>1</sub> é mais esperta que aquela<sub>1</sub> que o<sub>2</sub> investe em ações.*

## Comentários finais

- Temos então uma teoria que interpreta todos os pronomes enquanto variáveis. Seus diferentes papéis semânticos ocorrem pela maneira como um valor é atribuído à variável pronominal, se através de (cor)referência ou se através de ligação de variáveis.
- Normalmente o pronome é uma variável sobre entidades, mas no caso dos pronomes “E-type”, a variável pronominal possui a estrutura complexa de uma descrição definida onde tanto o predicado quanto um dos argumentos são variáveis a serem recuperadas tanto a partir do contexto.

## RESUMO

Este trabalho trata da anáfora pronominal a nível da sentença e dentro da Semântica Formal. Discute o que são pronomes e como se dá sua interpretação. O trabalho fundamenta as seguintes teses: (i) um pronome pode estabelecer dois tipos de relações anafóricas com seus antecedentes – correferência ou ligação e (ii) um pronome é sempre uma variável – um termo cuja denotação não é fixa, mas varia segundo uma atribuição de valores, seja por uma função contextual, seja por sua ligação a um operador. São discutidas as condições estruturais que delimitam os tipos de relações anafóricas possíveis. Estas são, por sua vez, ilustradas através do fenômeno da identidade estrita versus identidade fajuta. Finalmente, o artigo discute o pronome “E-type”, cujo comportamento desafiaria as teses defendidas.

*Palavras-chave: Pronomes, anáfora, correferência.*

## ABSTRACT

This paper deals with sentential pronominal anaphora within a Formal Semantics paradigm. It addresses the issue of what pronouns are and how they are interpreted. The paper supports the following thesis: (i) a pronoun can establish two kinds of anaphoric relations with its antecedents – coreference or binding and (ii) a pronoun is always a variable – it has no fixed denotation, but its denotation varies according to a value assignement made either by a contextual function, or by it being bound by an operator. Structural conditions on the kinds of anaphoric relations are presented and discussed. These conditions are then shown to work through the phenomena of sloppy versus strict identity. Finally, the article discusses E-type pronouns which present a problem to the supported thesis.

*Key-words: Pronouns, anaphora, coreference.*

## REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. (1986). *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger.
- COOPER, R. (1979). Interpretation of pronouns. In: HENY, F.; SCHNELLE, H. (Eds.). *Syntax and semantics*, v. 10: selections from the third groningen round table. New York: Academic Press.
- EVANS, G. (1980). Pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 2, p. 337-362.
- HEIM, I.; KRATZER, A. (1998). *Semantics in generative grammar*. Malden, Mass; Oxford, U.K.: Blackwell.
- KATO, M. (1999). Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus*, n. 11, p. 1-37.
- MÜLLER, A. L. *A gramática das formas possessivas*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. No prelo.
- NEGRÃO, E. V. (1999). *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. São Paulo, 1999. Tese (Livre-Docência).
- REINHARDT, T. *The syntactic domain of anaphora*. Cambridge, Mas, 1976. Dissertation (Ph. D.) - MIT.
- \_\_\_\_\_. (1983). *Anaphora and semantic interpretation*. Kent, UK: Crom Helm.